

ÍCONES E MEMÓRIA – UM DIALÓGO NA (RE) CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA AMBIENTAL

Rita de Cássia Menezes de Mattos¹

Resumo: *Neste artigo, pretende-se fazer uma abordagem sobre papel da memória, na tentativa de resgate da cultura e tradição, por meio dos elementos iconográficos, da região sisaleira da Bahia. Trata-se de uma análise das representações sociais de velhos agricultores sobre o seu lugar e seu ambiente, representações estas que orientam suas ações e intervenções. Dessa forma, pode-se conceber a memória como uma aliada e assegurar ao homem o seu papel na transformação /reconstrução do ambiente em que vive. Nesse contexto, a utilização da memória individual e coletiva é o ponto de partida na tentativa da reconstrução da história, associada à imagem fotográfica que desempenha um papel fundamental na compreensão dessa reconstrução.*

Palavras-chave: História ambiental; Cultura; Iconografia; Memória de velhos.

INTRODUÇÃO

Desenvolvido a partir do projeto de pesquisa Memórias do rural: estratégias de resgate da história ambiental e enraizamento de comunidades na região sisaleira da Bahia, que tem como um dos objetivos a reconstrução da história ambiental na região sisaleira, este artigo visa apresentar uma abordagem sobre o papel da participação social, na tentativa de resgate da memória cultural, através da utilização de elementos iconográficos, da região sisaleira da Bahia. Trata-se de uma análise das representações sociais de velhos agricultores sobre o seu lugar e seu ambiente, representações estas que orientam suas ações e intervenções nesse contexto. Mas, qual seria o papel dessa memória dentro da sociedade e quais suas contribuições para a formação do social?

“O rural brasileiro, principalmente nordestino, tem sido foco de muitas pesquisas, com destaque para o papel transformador e promotor de desenvolvimento que o mesmo propicia”. (FREIXO; TEIXEIRA, 2007, p. 14). Nesse sentido, o debate em torno das representações de rural e natureza se entrelaça com o estudo sobre os processos e relações sociais que marcam a região sisaleira; tais representações fundamentam as práticas sociais cotidianas e a relação homem-natureza. A memória coletiva das comunidades rurais da região sisaleira mistura-se na construção da história ambiental local em sua dimensão histórica e cultural como meio para compreender o papel das redes de reciprocidade no enraizamento dessas comunidades.

É nesta perspectiva que busco, neste artigo, estabelecer um paralelo entre a memória e os registros iconográficos, como elemento complementar na tentativa de (re) construção das memórias sobre a região sisaleira.

¹ Graduanda do 4º semestre do curso de Pedagogia da UEFS -Universidade Estadual de Feira de Santana- Ba. Bolsista voluntária de iniciação científica - NETTE-UEFS no âmbito do projeto de pesquisa: Memórias do rural: estratégias de resgate da história ambiental e enraizamento de comunidades na região sisaleira da Bahia, sob coordenação da Profa. Dra. Denise Helena Pereira Laranjeira.

O PAPEL DA MEMÓRIA NA REFLEXÃO SOBRE A HISTÓRIA AMBIENTAL DO RURAL

No que se refere às representações sociais de um grupo sobre seu passado, a memória é o fator de maior significado na tentativa de reconstruir e fortalecer a identidade de um determinado grupo. Pode-se entender que a memória se caracteriza como objeto de suporte na busca de resgate do passado. Ao tratar do significado de memória como um processo, Bosi (1987) afirma que, “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado” (1987, p. 17).

Com base nos estudos realizados por Jedlowski (2003) sobre temas e problemas presentes voltados à temática da memória, o autor nos direciona para uma noção contemporânea de memória relacionada a uma rede de inter-relações em que o passado não permanece estático, sendo continuamente selecionado e recriado diante das questões e necessidades, individuais e sociais, do tempo presente numa relação estreita com o universo cultural dos sujeitos.

O que nós chamamos de memória é uma rede complexa de atividades, cujo estudo mostra que o passado nunca permanece tal e qual, mas é sempre selecionado, filtrado e reestruturado pelas interrogações e pelas necessidades do presente, tanto no nível individual quanto no nível coletivo. (JEDLOWSKI, 2003, p. 217).

“O campo da história ambiental começou tomar força nos anos 70, quando houve diversas conferências sobre a grave situação global e os movimentos ambientais cresciam popularizando-se”. (WORSTERE, 2003, p. 25). Esta surge na tentativa de se romper com a divergência natural-social, e com a finalidade de se compreender a complexidade dos problemas ambientais. Dessa forma, pode-se conceber a memória como uma aliada na busca de romper com tal divergência e assegurar ao homem o seu papel de transformador/reconstrutor do ambiente em que vive.

A MEMÓRIA NO REGASTE DA CULTURA E TRADIÇÃO

Durante o processo de formação do sujeito social, histórico e cultural, um dos instrumentos que possibilita o homem a um envolvimento maior com a sociedade é a cultura. Embora a concepção de cultura seja ampla, nossa associação é mais freqüente quando nos referimos à fala dos povos e de realidades sociais bem diferentes das nossas, seja na organização do social, ou na maneira de produção de informações.

Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, a cultura não é algo natural, não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana. (SANTOS, 2003, p. 45).

Pode-se perceber que a participação do ser humano durante o processo de construção da história cultural é um dos mecanismos que o caracteriza como ser transformador das relações sociais.²

É nesse sentido que se destaca o papel da memória das comunidades rurais da região sisaleira, misturando-se a construção da história ambiental local em sua dimensão histórica e cultural, como meio para compreender o papel das redes de reciprocidade no enraizamento dessas comunidades, de maneira que:

O espaço onde se constrói uma cidade nos convida para o reconhecimento de um espectro infinito de determinações/relações. É nesse plano intrincado que homens, mulheres, crianças, velhos e velhas estabelecem, projetam, realizam suas vidas. O que trazem, o que inventam, o que transformam está além de qualquer possibilidade positiva de determinação. (MONTENEGRO, 2003, p. 9)

Sendo assim, é cabível dizer que a cultura é uma produção coletiva, capaz de explicar a vida de uma sociedade e o comportamento de seus membros. “Compreendendo-os como espaço de troca, descoberta, produção de sentido, criação, mas, sobretudo, espaços de memória, de espaço, de vida”. (LEITE, 2006, p.74).

ELEMENTOS ICONOGRÁFICOS COMO OBJETOS DE (RE)CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA

O papel que determinados elementos iconográficos – em especial as fotografias – desempenham na construção da memória sobre o cotidiano, em muitos momentos, é acionado como prova e testemunha do vivido. Esses elementos são um dos recursos que buscam “eternizar” a memória, relacionar o passado ao presente e resgatar a origem das coisas³.

As imagens visuais não têm o mesmo estatuto do texto escrito, mas é necessário observá-las como um diferente, como um interlocutor privilegiado do texto escrito, compartilhado no texto cultural, com suas especificidades materiais e formais e história própria. (OLIVEIRA, 2006, p. 02)

Para Freixo e Teixeira (2006, p. 13) a fotografia, tomada tanto em sua perspectiva ilustrativa – foto-ilustração, quanto como produtoras de narrativas – foto-narrativas, constitui um importante elemento de análise das transformações ocorridas na paisagem regional. Atrelado a isso, nota-se que a utilização da imagem fotografica é ponto de partida na tentativa da reconstrução da história.

A participação em determinados acontecimentos públicos e que muitas vezes são incorporados à história, essa sim, pode-se tornar um foco de memória.

² O filme *Narradores de Javé*, de Eliane Caffé (2003), expressa visualmente a participação do homem no processo de reconstrução da história cultural. *Narradores de Javé* marca a luta de um povoado, no sertão baiano (onde cada morador é um narrador), na tentativa de reconstruir sua história através da oralidade, buscando garantir sua existência no futuro, que se encontra ameaçada pela modernidade.

³ No livro *Mera fotografia*, de Carlos Eduardo Magalhães (1998), a idéia do resgate da memória através da fotografia se faz presente. No livro, o personagem principal inicia uma viagem de reconstrução do seu passado permeado de recordações e imagens resgatadas quais velhas fotografias, a fim de desvendar os mistérios dos fatos que durante sua vida lhe causaram todo um sentimento de perda.

Dessa forma, quando um fato público ou a história oficial teve um registro nas lembranças da população (principalmente dos velhos), houve uma associação entre o acontecimento ou fato histórico narrado e suas vidas. É sempre ou quase sempre em decorrência dessa interferência que as marcas da memória se constituem. (HALBWACHS, 1990, p. 58)

As fotografias⁴ apresentadas a seguir sugerem que o conteúdo de cada foto se insere na experiência de um momento ou situação de maior significado para o sujeito.

Saudade dos parentes



A foto ao lado, mostra “Seu” Amado (79 anos). Na tentativa de resgatar a memória, através da fotografia. Em sua mão, foto do casamento da filha, que “ocupa lugar privilegiado na casa, lembrança do parente”.⁵

Resgate do passado (memória e movimento)



“Seu” Ezequias (83 anos). Ao se deparar com as imagens durante exposição fotográfica, realizada no município de Valente (BA), em dezembro de 2005. Se “lembra” – “da época em que, ainda criança, carregava água na cabeça no pote de barro”.⁶

Fé e devoção



Imagem de São José (maior) e do Menino Jesus (menor). Conta um dos velhos que, quando há estiagem no campo, todos se reúnem e “pedem” a São José que “mande” chuva – retira-se o menino Jesus de perto da Imagem e só o devolvem quando a chuva cai.⁷

Diante do que foi discutido, caberia dizer que “a fotografia serve, então, como suporte da memória, não de como acontece de fato e, sim, como um ponto de onde se sai para reconstruir a história que ela ajuda a contar”. (PARK & FERNANDES, 2006, p. 47). É assumir que é possível adotar a imagem fotográfica como um elemento importante ao resgate da história ambiental de uma região, no caso, a região sisaleira da Bahia.

⁴ As fotos presentes neste artigo compuseram a exposição fotográfica “Imagens e Memórias de Um Povo de Fibra”, realizada no município de Valente (BA), em dezembro de 2005. Todos os entrevistados que aparecem nas fotos autorizaram a publicação de sua imagem, via termo de consentimento assinado pelas pesquisadoras e entrevistados, na presença de testemunhas.

⁵ Fragmento de entrevista com velho agricultor da região. Ver: FREIXO, Alessandra A.; TEIXEIRA, Ana Maria F. As fibras da história: memória de velhos na região sisaleira da Bahia. CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA, II, 2006, Salvador. *Anais*. Salvador: UNEB, 2006. p.1-13. ICD-ROM.

⁶ *Ibidem*.

⁷ *Ibidem*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou fazer uma abordagem sobre o papel da memória, na tentativa de resgate da cultura e tradição, por meio dos elementos iconográficos, da região sisaleira da Bahia. É nesse sentido que se destaca o papel da memória das comunidades rurais da região sisaleira, misturando-se a construção da história ambiental local em sua dimensão histórica e cultural, como meio para compreender o papel das redes de reciprocidade no enraizamento dessas comunidades.

Nesse contexto, a utilização da memória individual coletiva é o ponto de partida na tentativa da reconstrução da história, associada à imagem fotográfica que desempenha um papel fundamental na compreensão dessa reconstrução. Essas imagens são constituídas de sensações e sentimentos e, de certo modo, as fotos auxiliam na reconstituição daqueles momentos que não podem voltar.

Sendo assim, o diálogo entre a fotografia e a memória mostra-se presente na reflexão sobre o ambiental. “Cada geração tem, de sua cidade, a memória e acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação e sua história” (BOSI, 1987, p. 333).

REFERÊNCIAS

- BOSI, Eclea. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2a ed São Paulo: T. A. Queiroz, Ed. da USP, 1987.
- FREIXO, Alessandra Alexandre.; TEIXEIRA, Ana Maria Freitas.; LARANJEIRA, Denise Helena Pereira. Os velhos e suas memórias do rural: redes de sociabilidade e enraizamento na região sisaleira da Bahia. In: XIII Congresso Brasileiro de Sociologia: Desigualdade, Diferença e Reconhecimento, 2007, Recife. *Resumos*. Recife: Sociedade Brasileira de Sociologia, p.14-15, 2007.
- FREIXO, Alessandra Alexandre; TEIXEIRA, Ana Maria Freitas; LARANJEIRA, Denise Helena Pereira. *Exposição Fotográfica Imagens e Memórias de um Povo de Fibra*. Disponível em: <<http://www.apaeb.com.br/memoriasdorural>>. Acesso: em 11 jun. 2007.
- FREIXO, Alessandra Alexandre; TEIXEIRA, Ana Maria Freitas. Entretecendo o oral e o visual na construção de narrativas sobre a natureza. In: II Fórum Ambiental da Alta Paulista, 2006, Tupã. II Fórum Ambiental da Alta Paulista. Tupã: ANAP, 2006.
- FREIXO, Alessandra Alexandre; TEIXEIRA, Ana Maria Freitas. As fibras da história: memória de velhos na região sisaleira da Bahia. Congresso Internacional sobre pesquisa (auto) biográfica, ii, 2006, Salvador. *Anais*. Salvador: UNEB, 2006. p. 1-13. 1CD-ROM.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. São Paulo: T. A. Queiroz, p. 50-60. 1990.
- JEDLOWSKI, Paolo. Memórias: temas e problemas da sociologia da memória no século XX. Campinas: *Pro posições*, v. 14, n.1, p. 217-234, 2003.

LEITE, Maria Isabel. Crianças, velhos museus: memória e descoberta p. 74-85. Filigranas da memória: intercâmbios de gerações. *Cadernos do Centro de Estudos Educação Sociedade (CEDES)*, Campinas, p. 74-85. 2006.

LIMA, Evanete; SILVA, Josilene Batista; DIOGO, Rita de Cássia M. Cultura Brasileira tradição e modernidade em Narradores de Javé. Anais da *Revista Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos* Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno06-04.html>> . Acesso: em 05 jul. 2007.

MAGALHÃES, Carlos Eduardo de. *Mera fotografia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

OLIVEIRA, Mirtes C. Marins. Fotografia e História da Educação. *Revista Hottopos* - Editora Mandruvá on-line. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/vdletras6/mirtes.htm>>. Acesso em: 08 jul. 2007.

PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro. Dos objetos para as fotografias Filigranas da memória: intercâmbios de gerações. *Cadernos do Centro de Estudos Educação Sociedade (CEDES)*, Campinas, p. 47-59. 2006.

SANTOS, Jose Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

WORSTER, Donald. Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na história. *Ambient. soc.* [online]. 2003, vol. 6, no. 1 pp. 23-44. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414753X2003000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 12 jul. 2007.